



**GUIA DE ESTUDOS / *STUDY GUIDE***

**CPP**

**Conferência de Paz de Paris**



**FAAP**  
*Desde 1947*



FUNDAÇÃO ARMANDO ALVARES PENTEADO

F Ó R U M  
**FAAP**  
DE DISCUSSÃO  
ESTUDANTIL

**GUIA DE ESTUDOS / *STUDY GUIDE***

De 17 a 20 de abril de 2019  
São Paulo  
[www.faap.br](http://www.faap.br)  
[forumfaap\\_com@faap.br](mailto:forumfaap_com@faap.br)  
(11) 3662-7262



# FUNDAÇÃO ARMANDO ALVARES PENTEADO

## CONSELHO DE CURADORES

### **Presidente**

Sr<sup>a</sup>. Celita Procopio de Carvalho

### **Integrantes**

Dr. Benjamin Augusto Baracchini Bueno

Dr. Octávio Plínio Botelho do Amaral

Dr. José Antonio de Seixas Pereira Neto

Sr<sup>a</sup>. Maria Christina Farah Nassif Fioravanti

## DIRETORIA EXECUTIVA

### **Diretor-Presidente**

Dr. Antonio Bias Bueno Guillon

## ASSESSORIA DA DIRETORIA

### **Assessor Administrativo e Financeiro**

Sr. Tomio Ogassavara

### **Assessor de Assuntos Acadêmicos**

Prof. Rogério Massaro Suriani

## FACULDADE ARMANDO ALVARES PENTEADO

### **Diretor**

Embaixador Rubens Ricupero

### **Coordenação dos cursos de Relações Internacionais e Economia**

Prof<sup>a</sup>. Fernanda Petená Magnotta

Prof. Paulo Dutra Costantin

### **Fórum FAAP de Discussão Estudantil - Coordenação**

Prof. Victor Dias Grinberg



## **CARTA DE APRESENTAÇÃO**

Senhores delegados, sejam bem-vindos ao XVI Fórum FAAP de Discussão Estudantil e ao comitê histórico referente à Conferência de Paz de Paris, ocorrida em 1919.

As discussões, diferentemente dos outros comitês, dizem respeito a um evento já ocorrido e que apresenta uma resolução: o marco do fim da Primeira Guerra Mundial. Durante o Fórum, será proposto que os senhores, seguindo a política externa contemporânea ao período abordado, promovam novas abordagens juntamente a novos membros que, apesar de não participarem da conferência original, se posicionaram e ofereceram apoio e ressalvas.

Questões como “seria possível obter resultados diferentes?”, “seria possível adotar um novo posicionamento?” podem e devem ser consideradas durante as pesquisas e estudos, porém considerando o contexto externo e interno de sua delegação.

Isso posto, nós, da mesa diretora, desejamos bons estudos e estamos ansiosos para auxiliá-los na discussão.

Aguardamos a presença de todos no XVI Fórum FAAP de Discussão Estudantil.

**Beatriz Raykov**

**Dandara Ferraro**

Taís Duarte



### **HISTÓRICO DO COMITÊ**

Após quatro anos de conflagração, as grandes nações que se uniram à Tríplice Entente (Rússia, Reino Unido e França), sobretudo Estados Unidos e incluindo Japão e Itália (que havia recentemente abandonado a Tríplice Aliança com a Alemanha e a Áustria), se uniram em 18 de janeiro de 1919, em Paris, para iniciar as complicadas negociações que iriam marcar o fim da Primeira Guerra Mundial e definir o cenário pós-guerra.

No centro das negociações se encontravam o primeiro-ministro francês, Georges Clemenceau, e o primeiro-ministro britânico, David Lloyd George, representando a preocupação de que a Alemanha voltasse a atacar seus países, sobretudo a França, mais vulnerável dada a posição geográfica. Ambos teriam interesse em enfraquecer a nação rival e se posicionaram contra sua participação nas negociações, embora acreditassem que a Alemanha deveria arcar com a maior parte dos prejuízos financeiros causados pela guerra.

Também no centro das negociações, encontrava-se a potência emergente da América, os Estados

Unidos, representada por seu presidente Woodrow Wilson, famoso pelos 14 pontos que levou para serem discutidos em Paris, nos quais se destacavam a noção de paz sem vitória e a criação de uma organização internacional de países que promoveria a cooperação e, consequentemente, evitaria grandes conflitos. Ela receberia o nome de Liga das Nações. Itália e Japão também participaram da Conferência, ambos com a expectativa de conquistar mais prestígio e influência, além de participar da divisão de territórios conquistados durante a guerra.

A Rússia, membro original da aliança vitoriosa, se retirou do conflito anteriormente, em 1917, tendo assinado um acordo de paz separado com a Alemanha após a Revolução Bolchevique destituir o czar. Dessa feita, o país não mandaria nenhum representante para a Conferência em Paris. Os países que permaneceram aliados à Alemanha, assim como a mesma, não foram convidados para as negociações (contra a vontade da delegação norte-americana), sendo apenas convocados para assinar o tratado final resultante da Conferência.



## HISTÓRICO DO PROBLEMA

Ao fim do século XIX, a Europa foi tomada por um forte nacionalismo, intensificado pelas políticas de unificação da Itália e do Império Alemão e impulsionado pela ideia do espaço vital alemão, que estabelecia a necessidade por ampliar fronteiras e conquistar mais territórios na África e Ásia. Em meio a isto, a população francesa nutria um senso de vingança pela inconformidade com a perda do território da Alsácia e Lorena para a Alemanha em 1870, enquanto a Itália buscava incorporar os territórios de Tranto e da Ístria, que estavam sob controle austríaco.

Na região dos Balcãs, situada entre a Alemanha e Rússia, reuniam-se povos de diversas etnias, com pensamentos religiosos e formações étnicas diversas. Gregos, croatas, sérvios, turcos e búlgaros tinham seus territórios cobiçados por diversos países, que almejavam o território do Mediterrâneo oriental, na época uma importante rota comercial.

Os conflitos apresentados impulsionaram uma série de alianças entre os países da Europa, sendo que em 1882 unem-se o Império Alemão, a Itália e o Império Austro-Húngaro na chamada Tríplice

Aliança. E, em 1907, em oposição, é formada a Tríplice Entente, que reunia em uma aliança militar a Grã-Bretanha, a França, e o Império Russo. Também conhecida como Países Aliados, essa união possuía como objetivo deter a busca alemã por territórios.

As alianças impunham que os países-membros formassem uma frente de defesa caso uma força externa realizasse um ataque direto a um dos membros. Enquanto o objetivo principal era a defesa mútua e manutenção de paz, a tensão entre os países pertencentes as alianças se tornou tão grande que qualquer conflito poderia ocasionar uma guerra sem precedentes.

Em meio à tensão, em 28 de julho de 1914, na cidade de Sarajevo, o herdeiro do trono do Império Austro-húngaro – o arquiduque Francisco Ferdinando de Asburgo – foi assassinado por um estudante bósnio de etnia sérvia, Gavrilo Princip. O ataque foi atribuído à organização secreta nacionalista sérvia chamada Crna Ruka (Mão Negra).

Com a tensão gerada pelo assassinato, o Império Austro-húngaro, que era apoiado pelo Império Alemão, declarou guerra à Sérvia, que compar-



tilhando a origem eslava e a fé ortodoxa era apoiada pelo Império Russo e seus aliados militares. A Itália mantinha-se neutra por possuir um pacto de aliança junto às Potências Centrais.

Demais países se uniram à guerra: no dia 4 de agosto, a Grã-Bretanha declarou guerra à Alemanha devido à invasão da Bélgica e, nos anos que se seguiram, o Império Otomano e a Bulgária se uniram à Tríplice aliança, enquanto o Japão, Portugal, Romênia e Itália haviam se unido à Entente.

A primeira Grande Guerra já se encontrava próxima do seu fim em 1917 quando a Rússia, em meio ao movimento revolucionário iniciado em 1917, leva ao poder o Partido Bolchevique, de Vladimir Lênin, que instaura um governo socialista.

Com o povo extremamente abalado pelas condições de vida da população, que eram agravadas pela indústria fraca, o comércio prejudicado, embates marítimos e racionamento de comida para envio de mantimentos a soldados, o povo estava clamando por uma liderança menos opressiva, fazendo com que o país assinasse em março de 1918 o Tratado de Bret-Litovski, res-

ponsável pela retirada do país da guerra.

Em abril desse mesmo ano, os Estados Unidos da América, que desde 1913 optava por uma política isolacionista, recebeu ataque aos seus navios mercantes que tinham como destino a Inglaterra. Os ataques foram atribuídos à submarinos Alemães e impulsionaram os EUA a declararem guerra ao Eixo. Liderados pelo presidente Woodrow Wilson, os americanos possuíam grande força econômica e militar, abastecendo com armamentos os soldados dos Aliados.

As forças de guerra alemãs, quase esgotadas militarmente, sem a ajuda russa, e obrigadas a enfrentar o forte poderio americano a assinaram, em 11 de novembro de 1918, a sua rendição. Conhecido como Armistício de Compiègne, o acordo foi assinado entre a os membros da Tríplice entente e a derrotada Alemanha.



## DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

Segundo dados, a guerra gerou uma perda de mais 14 milhões de indivíduos, sendo oito milhões de soldados e quase o mesmo número de civis. Deixou feridas espirituais e materiais, resultou em mais de 21 milhões de mutilados e feridos, 14,6 milhões de mortos, dos quais 6,6 milhões eram civis e 8 milhões soldados. Ainda cabe citar a grande massa de refugiados e expatriados.

Ao fim da guerra, as nações mais influentes do mundo se encontravam fortemente abaladas. Nos últimos quatro anos elas haviam empenhado todos seus esforços no conflito que se desenvolveu na Europa. Foram produzidos 8.200 tanques de guerra, mais de 4.000km de trincheira se localizaram no *front* ocidental, e houve utilização de 110.000 toneladas de gás venenoso na primeira guerra a usar armas químicas. Além disso, uma geração inteira de jovens foi retirada de suas casas para aprender a matar; futuros engenheiros, arquitetos, juristas e médicos deixaram seus sonhos de lado para defender suas nações.

Além disso, a guerra não se delimitou ao espaço europeu, ela envolveu nações de todos os con-

tinentes. Recursos foram mobilizados em todos os cantos do globo, soldados de colônias foram alistados para combaterem em território estrangeiro.

E, ao fim, novas potências se ergueram, enquanto os Estado Unidos e o Império do Japão ganhavam espaço no novo contexto internacional, impérios que governavam a Europa à anos foram derrubados, como o Austro-Húngaro e o Império Turco-Otomano, assim como a monarquia czarista.

Uma nova ordem mundial internacional despontava no horizonte, novos tratados deveriam ser definidos, novas rotas comerciais, novas instituições, territórios na África e no oriente médio que estavam sob domínio turco precisavam ser repartidos. E, o mais importante de tudo, a paz teria que ser consolidada, com bases fortes o suficiente para que a Europa não mergulhasse novamente na escuridão da guerra. Nesse sentido, a Conferência de Paz de Paris surgiu como um fórum no qual as nações vitoriosas solucionariam essas questões ainda pendentes.





### PANORAMAS

Os panoramas a seguir são um guia para o posicionamento dos delegados de cada nação, e não são uma lista exaustiva de tudo o que a delegação pode defender ou requisitar durante sua atuação no Comitê. É preciso, contudo, manter a coerência com relação à política externa e interesses de cada país no momento vivido.

Vale ressaltar que nem todos os países presentes em nosso comitê compareceram pessoalmente à Conferência de Paz de Paris original, mas foram aqui incluídos porque manifestaram sua opinião e seus interesses por meio de cartas, telegramas ou pronunciamentos – logo, ganharão a chance de manifestarem sua opinião.

Os delegados devem se lembrar também de que nosso Comitê se passa em janeiro de 1919, e o compromisso com os acontecimentos históricos reais vai apenas até essa data: o desenrolar de nossa Convenção de Paz não precisa necessariamente ser fiel ao da Convenção real. A resolução final do nosso Comitê dependerá apenas da von-

tade – e da capacidade de negociação – de cada um de vocês!

### ÁFRICA DO SUL

Embora fosse um Domínio Britânico<sup>1</sup>, a África do Sul conseguiu o direito de participar da Conferência de Paz de Paris de forma independente. Defendeu que o território do Sudoeste Africano, mais especificamente a região da Namíbia – antes colônia alemã – deveria ficar sob tutela sul-africana.

Além disso, a África do Sul foi um dos maiores entusiastas para a elaboração da Liga das Nações, e fez sugestões consideráveis: alegava, por exemplo, que a Liga deveria ir além de uma “polícia” a ser acionada em tempos de guerra – pelo contrário, deveria manter-se ativa e operante em tempos de paz. Sugeriu também que a Liga possuísse uma “Conferência Geral”, a ser frequentada por todas as nações; um Conselho mais restrito que se ocuparia da função executiva; e um órgão de solução de conflitos (CORYELL, 1963).

---

<sup>1</sup> Faziam parte do “Domínio Britânico” as ex-colônias que, embora possuíssem autonomia interna de governo, ainda eram subordinadas ao Reino Unido em questões de política externa e comércio exterior. África do Sul, Austrália, Canadá, Índia e Nova Zelândia (dentre outros) eram classificados como domínios britânicos. Apesar da subordinação em termos de política externa, esses países pleitearam – e conseguiram, já que contribuíram ativamente no combate à Tríplice Aliança – uma participação independente na Conferência de Paz.



## AUSTRÁLIA

Embora fosse um Domínio Britânico, a Austrália participou da Conferência de Paz no intuito de conseguir anexação do território da Nova Guiné, antes sob posse alemã. Almejava também receber reparações pelas perdas de guerra.

Além disso, a delegação australiana rechaçou veementemente a proposta japonesa de uma Cláusula de Igualdade Racial, visto que era potencialmente danosa à Política da Austrália Branca (que, em suma, impunha restrições à entrada de pessoas consideradas “não brancas” no país) (NEW WORLD ENCYCLOPEDIA).

## BÉLGICA

A Bélgica possuía imenso interesse em reparações de guerra devido à violação de sua neutralidade<sup>2</sup> – a qual fora imposta ao país em 1839 por outras nações europeias. O país tinha reivindicações territoriais extensas: queria ampliar a extensão das terras belgas no Congo, bem como obter partes do que antes era domínio alemão no leste do continente africano; queria também parte do

território alemão na Europa (PRETE, 1982).

Acima disso tudo, porém, o interesse da Bélgica estava em conseguir revisão dos tratados de 1839 que definiram as fronteiras belgas e forçaram o país a um estado de neutralidade indesejado pela nação. A vontade maior da Bélgica era, dessa forma, reestruturar suas fronteiras – anexando uma parte das terras alemãs, um pedaço do território holandês (o que era visto com bons olhos pela França, mas não pelo Reino Unido) e unir-se de forma econômica e/ou política com Luxemburgo (o que era visto com bons olhos pelo Reino Unido, mas não pela França) – além, claro, da vontade de se livrar do *status* de “país neutro” (MARKS).

## BOLÍVIA

No século XIX, durante a chamada Guerra do Pacífico, a Bolívia perdeu a província de Antofagasta para o Chile. Era justamente esse território que garantia aos bolivianos uma saída para o mar. Durante a Convenção de Paz de Paris, a Bolívia viu – nos quatorze pontos de Wilson – sua

---

<sup>2</sup> Em suma, uma nação neutra é aquela que declara que se absterá do envolvimento em quaisquer guerras. Em retorno, presume-se que não será atacada por países potencialmente beligerantes.



chance para pedir restauração de seu acesso ao mar, até então proibido pelos chilenos (GRANIER). Ademais, o país apoiou as posições adotadas pelos Estados Unidos.

### **BRASIL**

O Brasil tinha grande interesse em conseguir pagamento – com juros – por sacas de café vendidas à Alemanha antes da guerra. O país europeu, embora tivesse recebido a mercadoria, não havia enviado ao Brasil o dinheiro referente à compra. A delegação brasileira não queria a inclusão desse pagamento específico sob a bandeira de “compensação de guerra”, porque não tinha relação efetiva com o conflito armado (FAGUNDES).

Além disso, queria manter para si uma frota de 46 navios mercantes alemães confiscados em porto brasileiro. Essa solicitação, contudo, não foi aceita pacificamente pela França nem pelo Reino Unido, que acreditavam que tinham direito de receber uma parte significativa desses navios como mais uma forma de compensação de perdas (Ibidem).

O Brasil almejava também estreitar um dos assentos rotativos dentro da Liga das Nações: defendia que era necessária a existência de assentos não permanentes para os países menores que, embora não fossem grandes potências, ainda mereciam ter voz e participação no cenário internacional – a exemplo de si próprio (Ibidem).

### **CANADÁ**

O Canadá era um dos Domínios Britânicos que conseguiu aval para participar da Conferência de Paz de Paris por si só, sem intercessão britânica. A principal intenção canadense foi conseguir o reconhecimento de sua independência – o país queria ser capaz de gerenciar sua política externa sem depender do Reino Unido não apenas em tempos de guerra, mas também em tempos de paz (ou seja, tornar-se uma nação soberana).

Além disso, o país queria participar da Liga das Nações – o que não foi visto com bons olhos por algumas nações, justamente em função do *status* de “Domínio Britânico”: a participação canadense poderia servir como subterfúgio para ampliar a presença britânica (DYER, 2014).



## CHINA

Os representantes chineses na Conferência de Paz almejavam desfazer uma série de Acordos Desiguais que seu país fora obrigado a assinar com nações europeias. Queriam também o fim da jurisdição extraterritorial para estrangeiros em solo chinês, ou seja, que se passasse a aplicar a lei chinesa a todos aqueles em território chinês, qualquer que fosse a nacionalidade de origem (à época, um inglês na China estava sujeito a leis inglesas; um alemão, à lei alemã e etc.). Tanto os Acordos Desiguais quanto a jurisdição extraterritorial eram vistos como uma violação à soberania da China.

O maior de todos os interesses chineses, contudo, estava na recuperação da província de Shandong, que se encontrava sob domínio alemão: além de ser a região natal de Confúcio, o território era estratégico na proteção de Pequim, de trechos do Rio Amarelo e do Grande Canal Jing-Han.

## CHILE

Durante a Conferência de Paz de Paris, a maior preocupação do Chile foi com solicitações bolivianas e peruanas: o Chile buscava manter sua integridade territorial, enquanto Bolívia e Peru buscavam retratação devido às suas perdas territoriais decorrentes da Guerra do Pacífico. Logo, a intenção chilena era manter os territórios de Antofagasta, Tarapacá, Tacna e Arica (GRANIER).

## CUBA

A participação cubana na Convenção de Paz de Paris foi essencial para o desenvolvimento de uma organização internacional do trabalho<sup>3</sup>, colocada sob a Liga das Nações (ALTMAN, 2010). No mais, o país apoiava a adoção das propostas americanas.

## DINAMARCA

A Dinamarca mostrava-se extremamente favorável à criação de uma Liga das Nações e buscava tornar-se parte da mesma. Além disso, tinha

<sup>3</sup> Representantes da Bélgica, Cuba, Estados Unidos, França, Itália, Japão, Polônia, Reino Unido e Tchecoslováquia foram destacados à época para desenvolver o estatuto da OIT.



pretensões territoriais: queria para si o território de Schleswig, localizado na fronteira germano-dinamarquesa. A região era disputada por Alemanha e Dinamarca desde a época da Confederação Germânica (e se encontrava, no momento, sob tutela alemã) (SCHMEDEMAN, 1918; BRUN, 1918).

## **EQUADOR**

O Equador (tal como a Bolívia ou Peru) não teve papel ativo na Primeira Guerra, apenas rompeu relações com a Alemanha (BARRETO). Dessa forma, não solicitava reparação pelas perdas, mas esperava alguma recompensa por ter demonstrado apoio – mesmo que indireto – aos Aliados. Ademais, o país era favorável à adoção das propostas americanas.

## **ESTADOS UNIDOS**

Foi o país que mais fez oposição a tratar a Alemanha de forma dura, embora considerasse que deveria ser punida de alguma forma. Baseou sua postura nos quatorze pontos de Wilson,

buscando uma paz equilibrada e igualitária, que contrastava com aquela proposta por outras nações como França e Reino Unido.

Defendeu que se criasse, para manter essa paz, uma “Liga das Nações”. O formato inicial constituía obrigações logo no momento de ratificação, ou seja, as nações que se juntassem à Liga das Nações assumiriam inevitavelmente deveres com os quais nem sempre gostariam de cumprir.

Propôs também a livre determinação dos povos (ou seja, a não anexação de territórios e a descolonização): acreditava que era necessário estabelecer mandatos transitórios nas colônias até que as mesmas pudessem se autogovernar e permitir que povos antes incluídos no Império Otomano e no Império Austro-Húngaro formassem novos países.

## **FRANÇA**

Tendo fronteira direta com a Alemanha, a França foi o país que mais sofreu devastação territorial durante a guerra. Seu parque industrial (ou seja, sua fonte majoritária de renda) foi quase que completamente destruído. Além disso, o país



perdeu 25% dos seus homens entre 18 e 30 anos, sem contar mais de 400 mil baixas civis. Foi esse cenário de perdas extremas, aliado à proximidade geográfica com o país que a França enxergava como ameaça, que levou a nação francesa a adotar a mais severa das posturas contra a Alemanha.

Os representantes franceses exigiam que a Alemanha fosse responsabilizada pela guerra, que repusesse financeiramente tudo o que se gastara no conflito e que, ademais, indenizasse as outras nações pela destruição causada. Queriam também restrição da atividade militar alemã e desejavam formar uma aliança militar com os Estados Unidos e o Reino Unido.

Em questão territorial, a França desejava a posse da região da Alsácia-Lorena, bem como a criação de um Estado tampão entre as terras francesas e alemãs.

### **GRÉCIA**

A Grécia viu, na Conferência de Paz de Paris, uma oportunidade para reclamar para si território na Trácia (parte sul do território da Bulgária) – contudo, a Itália gostaria dessa mesma região para si.

A delegação grega também era extremamente

favorável à adoção dos 14 pontos de Wilson e à criação de uma Liga das Nações, e buscava conseguir compensação pelas perdas da guerra (MACMILLAN, 2008).

### **HAITI**

Ao chegar na Conferência de Paz de Paris, a representação haitiana chegou à conclusão de que a presença das nações pequenas não passava de “camuflagem”, já que as potências se propunham a fazer somente o que as era favorável. O Haiti argumentou em favor do continente africano, propondo que as antigas colônias fossem administradas em forma de condomínio entre as potências e as lideranças locais para que os territórios africanos pudessem, no futuro, governar-se a si próprios (DAWKINS, 2018).

### **HONDURAS**

Ocupada pelos Estados Unidos desde 1912, Honduras atuou na Primeira Guerra em suporte aos Aliados. Dessa forma, almejava conseguir reparação por quaisquer perdas decorrentes do conflito e apoiava as propostas americanas



## ITÁLIA

Tinha grandes pretensões territoriais: queria anexar ao seu território todas as áreas do Império Austro-Húngaro com falantes de língua italiana (sem se importar de fato com o que os habitantes das regiões desejavam). Desejava anexar a Dalmácia e a Península Ístria, além de ganhar domínio sobre o território albanês e algumas colônias alemãs na África e na Ásia. Nesse sentido, tinha problemas com a Grécia e com a Iugoslávia, que solicitavam para si parte desses territórios (MACMILLAN, 2008).

Como todos os outros países considerados vencedores da guerra, a Itália demandava compensação financeira por toda a devastação que sofreu em função do conflito.

## ÍNDIA

Embora classificada como “Domínio Britânico” à época, a Índia ganhou permissão para participar

de forma independente da Convenção de Paz de Paris. O país solicitava, em troca de todo o apoio dado aos Aliados, uma posição dentro da Liga das Nações. O Reino Unido, curiosamente, era favorável – justamente porque esperava ter maior expressão dentro da Liga por meio de seu Domínio. Os Estados Unidos, contudo, se opunham veementemente (OPEN UNIVERSITY).

## IUGOSLÁVIA

O Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos (ou Iugoslávia) compareceu à Conferência de Paz de Paris em busca de conseguir definição de suas fronteiras<sup>4</sup> e reconhecimento internacional de seu Estado, que fora recentemente fundado. Uma parte dos territórios solicitados pela Iugoslávia fazia parte das pretensões italianas (mais especificamente a Dalmácia e a península Ístria), o que gerou forte oposição da Itália a que se reconhecesse a legitimidade – e a que se atendessem às solicitações – do Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos. Devido a esse grande problema com

---

<sup>4</sup>Um ditado popular no país dizia que ele era cercado por problemas. Na língua local, problema se traduz para BRIGAMA – que, curiosamente, forma um acrônimo para todos os países que faziam fronteira com a Iugoslávia: Bulgária, Romênia, Itália, Albânia, “Mađarska” (croata para Hungria) e Áustria.



a nação italiana, algumas das delegações presentes até mesmo encurtavam o nome da representação iugoslava para “Reino da Sérvia” em seu discurso, na tentativa de apaziguar os ânimos<sup>5</sup> (DJOKIC, 2009, 2010).

Outro ponto de embate para a Iugoslávia era o costume que Estados Unidos, França, Inglaterra, Japão e Itália tinham de inserir, nos tratados para reconhecimento de um Estado, uma “cláusula de direitos das minorias”. Tal cláusula estipulava alguns direitos coletivos – como proteção estatal e direito à educação – às minorias étnicas, raciais, religiosas ou linguísticas presentes no Estado reconhecido. O Estado iugoslavo, contudo, se opunha fortemente à imposição dessa cláusula como uma das contrapartidas para seu reconhecimento; se negava veementemente a estabelecer um compromisso de respeito às minorias em seu território (DJOKIC, 2010; ENGEL, 2010).

### JAPÃO

O Japão entrou na Conferência com interesses territoriais – principalmente na província de Shan-

dong, localizada na região nordeste da China. Almejava conseguir também ilhas no Pacífico – mais especificamente, todas aquelas localizadas acima da linha do Equador.

Além disso, o país propôs uma “Cláusula de Igualdade Racial” a ser adotada no texto da Liga das Nações. Tal cláusula estipulava que a igualdade entre as nações deveria ser um princípio básico da Liga; todos os países deveriam receber igual tratamento, sem que se fizesse distinção entre eles por sua raça ou nacionalidade. A intenção japonesa era apenas evitar que seu país e seu povo fossem tratados como inferiores, mas as implicações de tal cláusula poderiam ir bem mais além, servindo como argumento para a libertação de colônias na África e Ásia. Por isso, a proposta foi fortemente repudiada por países imperialistas.

### LIBÉRIA

Como única nação independente da África Oriental na época, a Libéria via como de vital

---

<sup>5</sup>O “Reino da Sérvia” já existia antes da Guerra, e não era o mesmo que a Iugoslávia, que veio a unir diferentes povos em um mesmo país.





importância sua participação na Conferência de Paz de Paris para defender seus interesses e sua posição como país livre. Ao saber que os territórios africanos sofreriam uma nova redistribuição, aproximou-se ainda mais dos Estados Unidos na intenção de que a potência intercedesse em seu favor, garantindo a estabilidade das fronteiras da Libéria (AKINGBADE, 1978).

## **MONTENEGRO**

A delegação de Montenegro tinha um objetivo de grande importância na Conferência de Paz: garantir a sobrevivência de seu Estado. O território completo de Montenegro era incluído na reivindicação territorial do Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos (a Iugoslávia) – o que significa, em suma, que se Montenegro falhasse em seu propósito, seu país deixaria de existir, ou seja, seria anexado como parte de outra nação. Em último caso, a representação montenegrina buscava defender uma descentralização do poder administrativo dentro da Iugoslávia, para que assim pudesse, na prática, se autorregular (RASPOPOVIĆ).

## **NICARÁGUA**

A Nicarágua estava sob ocupação americana desde 1912. Logo, rompeu relações com a Alemanha assim que os Estados Unidos entraram na guerra. Durante a Convenção de Paz de Paris, a Nicarágua se manteve alinhada com as posições adotadas pelos americanos (MORA, 2015).

## **NOVA ZELÂNDIA**

A Nova Zelândia participou de forma independente na Conferência de Paz de Paris, apesar de ser parte do Domínio Britânico. O país não mostrava grande interesse em estabelecer os termos da fundação de uma Liga das Nações, pelo contrário: mostrava-se ávido para colocar em pauta os termos de paz, principalmente as reparações econômicas e a redistribuição de colônias, visto que tinha grande interesse em conseguir para si a Samoa Ocidental (NEW ZEALAND ARCHIVES).

## **NORUEGA**

A Noruega compareceu à Conferência de Paz de Paris na intenção de defender, particularmente, quatro pontos específicos. Um deles era a liber-



dade de tráfego nos mares (visto que, tal como o Reino Unido, é um país que depende fortemente da possibilidade de uso das águas marítimas) (SCHMEDEMAN, 1918).

Além disso, o país buscava reconhecimento de sua soberania sobre a ilha de Spitzbergen, um território rico em carvão com que também despertava interesse da Rússia e de outros países (Ibidem).

A Noruega também solicitava sua entrada na Liga das Nações: esse ponto, junto dos outros dois anteriores, eram os de maior relevância para a nação norueguesa. Entretanto, o país também queria receber da Alemanha compensação referente às embarcações norueguesas danificadas e uma indenização referente às vidas que se perderam em razão da guerra (Ibidem).

## **PANAMÁ**

A participação panamenha na Conferência de Paz de Paris tinha, como objetivo, assegurar o recebimento de indenização em função da Guerra. Além disso, o país se mostrava alinhado com os interesses americanos, apoiando as solicitações dos Estados Unidos.

## **PAÍSES BAIXOS**

Os Países Baixos compareceram à Conferência de Paz de Paris na intenção de resolver questões relativas à soberania sobre a água com a Bélgica.

O maior dos problemas dizia respeito ao canal de Wielingen: os Países Baixos gostariam de jurisdição exclusiva sobre as águas do canal, e os belgas não concordavam com esse posicionamento.

Além disso, os Países Baixos estavam focados em conseguir reparação financeira em função da guerra (OFFICE OF THE HISTORIAN).

## **PERU**

A presença do Peru na Conferência de Paz de Paris objetivava, principalmente, argumentar em favor da causa peruana na questão de Tacna-Arica.

O país havia perdido territórios para o Chile na Guerra do Pacífico, sendo que a soberania sobre as regiões de Tacna e Arica ficou indefinida (a tutela das regiões estava com o Chile – que falhava sempre em cumprir com o acordo de realizar um plebiscito com a população local para definir com que país elas desejariam ficar) (GRANIER).



### **POLÔNIA**

Tomada pela Alemanha durante a Guerra, queria sua independência e uma compensação, em forma territorial ou monetária, pelos danos sofridos. A delegação polonesa buscava anexar alguns territórios alemães e outros russos: uma Polônia de grandes proporções territoriais era bem vista pela França, mas EUA e Reino Unido tinham ressalvas.

A Polônia tinha grande interesse na contenção do poder militar alemão, já que fazia fronteira com o país e, em caso de novos ataques, seria um dos primeiros alvos (CIENCIALA).

### **PORTUGAL**

Portugal entrou na negociação de paz com grandes ambições: buscava um assento no Conselho da Liga das Nações, em reconhecimento da participação portuguesa no conflito. Desejava também tratamento preferencial no recebimento de indenizações de guerra, sob o argumento de que as pequenas nações que combateram ao lado dos Aliados por mero altruísmo mereciam a chance de se reerguer após a destruição.

O país também solicitava recebimento de colônias alemãs como forma de reparação, e alegava que, se mandatos sobre tais territórios fossem distribuídos, deveria receber o mesmo tratamento que os belgas na questão, pois ambos os países possuíam similar domínio colonial (logo, um tratamento diferenciado seria favorecimento não justificado da outra nação). Portugal pedia, ademais, uma parte da frota de combate da Alemanha (tanques, navios, etc.) (MENESES, 2014).

### **REINO DE HEJAZ**

O Reino de Hejaz somente se estabeleceu como Estado em 1916, sob comando de Hussein bin Ali, que comandara – com apoio britânico – a revolta da região contra o Império Otomano. Com a derrota dos otomanos na guerra, o Reino esperava não apenas ter sua legitimidade reconhecida na Conferência de Paz de Paris, mas receber apoio para uma Revolta Árabe ainda maior, que permitisse a ampliação do Reino de Hejaz para regiões como Síria e Iraque (antes pertencentes ao Império Otomano). A representação buscava, desta forma, reverter o Acordo de Sykes - Picot, que dividia o derrotado Império Otomano entre franceses e ingleses (CLIO).



## REINO UNIDO

Embora a coalisão parlamentar mais expressiva promettesse “depenar” a Alemanha, o consenso geral – tanto por parte da população quanto por parte do primeiro-ministro, Lloyd George – era de que a Alemanha deveria ser punida financeiramente, mas de forma equilibrada, sem que sofresse prejuízos econômicos muito severos. Uma Alemanha com a economia enfraquecida demais geraria um desequilíbrio na balança de poder europeia, dando espaço para uma nova expansão francesa no continente – ou um avanço do modelo comunista de governo – o que iria contra os interesses do Reino Unido. Além disso, a nação – que tirava grande parte de seu sustento de trocas comerciais – precisava do retorno dos fluxos de comércio no mundo, o que, novamente, a levava a incentivar uma fortificação da economia alemã.

Além disso, o país buscou incluir uma exigência de que a Alemanha custeasse os gastos com pensão militar do Reino Unido, bem como de que a frota naval alemã fosse severamente reduzida, ou mesmo anulada (protegendo assim o Reino Unido de eventuais ataques, que se davam

majoritariamente pelo mar). Refutava veementemente o segundo ponto proposto por Wilson – de que todas as nações deveriam ter livre acesso ao mar em todos os momentos –, e não via com bons olhos o pedido brasileiro de manter os navios mercantes para si (ao contrário, argumentava por uma divisão que beneficiasse o Reino Unido).

Outro desejo do Reino Unido era o de reduzir o número de colônias alemãs, passando-as para outras mãos (de preferência, suas próprias), reduzindo assim o poderio alemão por meio da diminuição de sua quantidade de portos, entrepostos e fontes de matéria-prima ao redor do mundo.

## ROMÊNIA

A Romênia compareceu à Conferência de Paz no intuito de conseguir não apenas reparação financeira pelos danos sofridos em guerra e ajuda para repor armamentos, mas também território. O país queria recuperar as terras que perdera para a Bulgária, e pedia também algo a mais: a Transilvânia.

Em um primeiro momento, essas solicitações foram recebidas com desdém, visto que a par-



ticipação romena não foi vital para o sucesso dos Aliados. A representação romena, contudo, apresentou argumentos de peso: uma Romênia devastada seria muito mais vulnerável a uma revolução comunista, enquanto uma nação fortalecida poderia servir até mesmo de barreira para que o comunismo não chegasse às fronteiras de outros países europeus (RANADIVE, 2015).

### **SUÉCIA**

A principal solicitação sueca durante a Conferência de Paz era a resolução do problema das ilhas Aland. O território pertencia à Suécia, mas teve de ser cedido à Rússia no começo do século XIX e passou, posteriormente, a integrar o Grão-Ducado da Finlândia. A população da ilha – tal como a Suécia – queriam que a mesma fosse reintegrada ao território sueco, mas a Finlândia se opunha (SCHMEDEMAN, 1918).

### **SUIÇA**

A Suíça não participou da Primeira Guerra: mesmo cercada por países combatentes, foi

capaz de manter sua neutralidade. Dessa forma, o desejo suíço é – para além do estabelecimento da paz – a possibilidade de continuar com seu *status* de país neutro (LATSON, 2015).

Além disso, a Suíça poderia – como um país neutro, que não se envolveria ativamente em conflitos armados – se comprometer em abrigar a sede da Liga das Nações.

### **TAILÂNDIA**

À época conhecida como Sião, a Tailândia compareceu à Conferência de Paz de Paris no intuito de conseguir reparações pela guerra. Solicitava que todas as propriedades e bens localizados em Sião – antes pertencentes ao Império Germânico – passassem a ser propriedade tailandesa. Além disso, queria a extinção de todos os privilégios antes dados à Alemanha por meio de tratados desiguais, bem como o término da jurisdição extraterritorial alemã em Sião (OFFICE OF THE HISTORIAN).



## **TCHECOSLOVÁQUIA**

A Tchecoslováquia compareceu à Conferência de Paz de Paris no intuito de obter reconhecimento de sua independência, bem como de suas fronteiras (o país tinha disputas territoriais, como com a Polônia acerca da região de Vilnius). A representação da Tchecoslováquia apoiava-se nos Quatorze Pontos de Wilson – mais especificamente no tangente à autodeterminação – para promover sua causa. Além disso, o país se propunha a dar direitos às minorias alemãs que existissem no território que reivindicava para si (CIENCIALA).

## **URUGUAI**

O Uruguai foi uma das nações sul-americanas que não possuiu participação ativa na Primeira Guerra, apenas rompeu relações com a Alemanha (BARRETO). Dessa forma, o intuito da representação uruguaia na Conferência de Paz era manifestar-se em questões políticas ou financeiras que atingissem diretamente o país – como a construção da Liga das Nações ou a solução de problemas envolvendo a América Latina (POLK, 1918).

## **VIETNÃ**

Embora sob soberania francesa, o Vietnã buscava se fazer ouvir na Conferência de Paz de Paris (sem o aval da França). A representação vietnamita desenvolveu um Programa de Oito Pontos a ser aplicado no Vietnã, que buscava apresentar para os Estados Unidos na esperança de conseguir ajuda do mesmo em sua implementação. Esses oito pontos estabeleciam, ambiciosamente: o direito de autodeterminação; um governo constitucional; liberdade democrática; igualdade entre franceses e vietnamitas perante a lei; anistia a presos políticos; liberdade de imprensa; liberdade de associação; abolição do trabalho forçado (ST JOHN SCHOOL).

## **DOCUMENTO DE POSIÇÃO OFICIAL (DPO)**

Esse documento deverá conter essencialmente a posição oficial do país representado em relação ao tema a ser debatido.

O DPO deverá ser elaborado respeitando as normas básicas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) que se resumem em: fonte Times



New Roman tamanho 12, recuo de primeira linha de 1,25, parágrafo justificado, espaçamento entre linhas 1,5 e notas de rodapé com fonte Times New Roman tamanho 10 e espaçamento simples. As margens do documento deverão ser de 2,00 na esquerda, direita, superior e inferior.

O documento total deve estar limitado a uma página, contendo o símbolo do comitê no canto superior direito e o brasão de armas do país no canto superior esquerdo. Abaixo das imagens, um breve cabeçalho com o tema do comitê, o nome da delegação e do delegado. O delegado deve assinar no fim do documento.

Para auxiliar a elaboração do DPO, é importante seguir pelas seguintes perguntas:

1. Quais os principais termos que meu país gostaria de ver inclusos no documento final?
2. Quais contribuições e/ou concessões meu país pode fazer?
3. O que acreditamos ser prejudicial e/ou essencial para nosso país e os demais no mundo pós-guerra?
4. Quem ou o que responsabilizamos pelo conflito e quais precauções devemos tomar para

evitar que algo similar ocorra novamente?

Lembre-se de que essas perguntas servem apenas para direcionamento da pesquisa. O DPO deve ser elaborado em texto corrido e não em perguntas e respostas.

Na elaboração do DPO evite o uso de verbos em primeira pessoa e estilos como negritar, sublinhar, colocar em itálico e sombrear. Lembre-se de que se trata de um documento formal, portanto, não é permitido o uso de estruturas linguísticas coloquiais.

Não se esqueça de ater-se à política externa do país representado ao elaborar o documento, pois incoerências entre a posição oficial apresentada no DPO e a postura nos debates serão contabilizadas na avaliação final.

A prática de plágio é crime, e se for detectado no DPO de alguma delegação, ela terá seu documento anulado e sua nota referente ao DPO zerada na avaliação, portanto procure fazer o documento com suas palavras para evitar problemas.

A mesa diretora irá recolher o documento na primeira sessão do primeiro dia do evento, e as notas deverão ser devolvidas ao fim do evento.



## REFERÊNCIAS

AKINGBADE, Harrison. *Liberia and the First World War*. 1978. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/001132557801000303>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

ALTMAN, Max. *1919 - Organização Internacional do Trabalho é fundada em Paris*. 2010. Disponível em: <<https://operamundi.uol.com.br/historia/3625/hoje-na-historia-1919-organizacao-internacional-do-trabalho-e-fundada-em-paris>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

BARRETO, Fernando de Melo. *Da Primeira Guerra Mundial à Liga das Nações*. Disponível em: <<http://www-storia.blogspot.com/2014/06/a-conferencia-de-paris-e-os-tratados-de.html>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

BRUN, C. *Papers relating to the foreign relations of the United States, Paris Peace Conference: Telegram from the Danish minister to the Acting Secretary of State*. 7 dez. 1918. Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1919Parisv01/d257>>. Acesso em 18 jan. 2019.

CIENCIALA, Anna M. *The Birth of Czechoslovakia*. Disponível em: <<http://acienciala.faculty.ku.edu/hist557/lect12.htm>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

\_\_\_\_\_. *The rebirth of Poland*. Disponível em: <<http://acienciala.faculty.ku.edu/hist557/lect11.htm>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

CLIO. *Paris Peace Conference*. Disponível em: <<https://www.cliohistory.org/thomas-lawrence/paris/>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

CORYELL, Naomi Howerton. *Jan Christian Smuts at the Paris Peace Conference, 1919*. Jun. 1963. Disponível em: <<https://digitalcommons.unomaha.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1588&context=studentwork>>. Acesso em: 18 jan. 2019.

DAWKINS, Farida. *The only black representative at the Paris Peace Conference of 1919 was a Haitian voodoo priest*. 2018. Disponível em: <<https://face2faceafrica.com/article/the-only-black-representative-at-the-paris-peace-conference-of-1919-was-this-haitian-voodoo-priest>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

DJOKIC, Dejan. Nikola Pašić and Ante Trumbić: The Kingdom of Serbs, Croats and Slovenes. Londres: Haus, 2010. Disponível em: <<http://research.gold.ac.uk/3456/>>. Acesso em: 2 nov. 2018.

\_\_\_\_\_. *Pasic & Trumbic: The Kingdom of Serbs, Croats and Slovenes*. Haus Publishing, 2010. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/j.ctt1hj9wph>>. Acesso em: 2 nov. 2018.





\_\_\_\_\_. *Versailles and Yugoslavia: ninety years on*. 26 jun. 2009. Disponível em: <<https://www.opendemocracy.net/article/versailles-and-yugoslavia-ninety-years-on>>. Acesso em: 30 out. 2018.

DYER, Gwynne. *Canada comes of age*. 08 ago. 2014. Disponível em: <<http://ww1.canada.com/after-the-war/canada-comes-of-age>>. Acesso em: 18 jan. 2019.

ENGEL, David. *Minorities Treaties*. 02 set. 2010. Disponível em: <[http://www.yivo-encyclopedia.org/article.aspx/Minorities\\_Treaties](http://www.yivo-encyclopedia.org/article.aspx/Minorities_Treaties)>. Acesso em: 30 out. 2018.

FAGUNDES, Luciana. *Participação brasileira na conferência de paz de Versalhes*. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PARTICIPA%C3%87%C3%83O%20BRASILEIRA%20NA%20CONFER%C3%8ANCIA%20DA%20PAZ%20DE%20VERSALHES.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2018.

GRANIER, Jorge Gumucio. Chapter 6 - Conflict between Interests of the Core and Interests of the Periphery. In: *United States and the Bolivian seacoast*. Disponível em: <<http://www.boliviaweb.com/mar/sea/index.htm>>. Acesso em: 18 jan. 2019.

LATSON, Jennifer. *Switzerland Takes a Side for Neutrality*. 2015. Disponível em: <<http://time.com/3695334/switzerland-neutrality-history/>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

MACMILLAN, Margaret. *Paris 1919: Part II - The Far East, the Middle East and the Treaty of Versailles*. 2008. Disponível em: <<http://www.futurecasts.com/book%20review%2010-4A.htm>>. Acesso em: 18 jan. 2019.

MARKS, Sally. *The Luxemburg question at the Paris Peace Conference and after*. Disponível em: <[https://www.journalbelgianhistory.be/en/system/files/article\\_pdf/BTNG-RBHC%2C%2002%2C%201970%2C%201%2C%20pp%20001-020.pdf](https://www.journalbelgianhistory.be/en/system/files/article_pdf/BTNG-RBHC%2C%2002%2C%201970%2C%201%2C%20pp%20001-020.pdf)>. Acesso em: 30 out. 2018.

MENESES, Filipe Ribeiro de. *Post-war Settlement (Portugal)*. 2014. Disponível em: <[https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/post-war\\_settlement\\_portugal](https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/post-war_settlement_portugal)>. Acesso em: 20 jan. 2019.

MORA, Dennis Arias. *Nicarágua*. 2015. Disponível em: <<https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/nicaragua>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

NEW ZEALAND ARCHIVES. *Paris Peace Conference, 1919*. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/archivesnz/28087214059/in/photostream/>>. Acesso em: 18 jan. 2019.

OFFICE OF THE HISTORIAN. *Papers relating to the Foreign Relations of the United States, Paris Peace Conference: Belgium*. Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1919Parisv13/ch12subch1>>. Acesso em: 20 jan. 2019.



OFFICE OF THE HISTORIAN. *Papers relating to the Foreign Relations of the United States, Paris Peace Conference: Siam*. Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1919Parisv13/ch13subch3>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

OPEN UNIVERSITY. *Formation of League of Nations*. Disponível em: <<http://www.open.ac.uk/researchprojects/makingbritain/content/formation-league-nations>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

POLK. *The Acting Secretary of State to the Commission to Negotiate Peace: Paris Peace Conf. 183.9 Uruguay/1: Telegram*. 1918. Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1919Parisv01/d240>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

PRETE, Roy. Review on “Innocent Abroad: Belgium at the Paris Peace Conference of 1919”. *The International History Review*, Vol. 4, N. 4. Novembro de 1982, pp. 618-620. Disponível em <[https://www.jstor.org/stable/40105263?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/40105263?seq=1#page_scan_tab_contents)>. Acesso em: 29 out. 2018.

RANADIVE, Ameet. *How romania got its way in the treaty of Versailles*. 2015. Disponível em: <<https://medium.com/@ameet/how-romania-got-its-way-at-the-treaty-of-versailles-e5e1dbc5da23>>. Acesso em: 18 jan. 2019.

RASPOPOVIĆ, Radoslav. Montenegro. 2014. Disponível em: <<https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/montenegro>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

SCHMEDEMAN, Albert G. *Papers relating to the foreign relations of the United States, Paris Peace Conference: Telegram from the minister in Norway to the U.S. Secretary of State*. 21 nov. 1918. Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1919Parisv01/d256>>. Acesso em: 18 jan. 2019.

ST. JOHN BREBEUF SCHOOL. Paris Peace Conference, 1919. Disponível em: <<https://www.stjohnbrebeuf.ca/wp-content/uploads/2017/09/Paris-Peace-Conference-Readings-FULL.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

THE Paris Peace Conference: the aims of the participants. Disponível em: <<https://www.tumwater.k12.wa.us/cms/lib/WA01001561/Centricity/Domain/646/The%20Paris%20Peace%20Conference%20-%20Aims%20of%20the%20Participants.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

US DEPARTMENT OF STATE. The Paris Peace Conference and the Treaty of Versailles. [on-line]. Disponível em: <<https://2001-2009.state.gov/r/pa/ho/time/wwi/89875.htm>>. Acesso em: 8 jan. 2019.